ções na Saúde Suplementar. Aproveitando o momento em que se discute a sua postergação, gostaria de fazer algumas reflexões sobre esse importante tema.

Nosso primeiro contato com o TISS ocorreu em agosto de 2004 quando participamos de uma oficina da ANS. No dia seguinte ao evento emitimos um posicionamento no qual entendíamos se "tratar de uma iniciativa de inestimável valor prático, uma vez que não há como se estabelecer políticas setoriais adequadas sem se conhecer, em detalhes, o segmento ao qual essas políticas são direcionadas".

Passados mais de dois anos, foi realizado um incontável número de oficinas e eventos de esclarecimentos que, devido à complexidade do segmento, levaram a uma série de ajustes. Cabe ressaltar a exemplar postura adotada pela ANS neste particular que, de forma madura e paciente, foi ao mercado prestar esclarecimentos e receber sugestões.

Em dois eventos recentes dos quais participei no espaço de uma semana, com a presença de mais de 400 pessoas, ficou evidente que ainda há inúmeras dúvidas e desconhecimento por parte dos envolvidos. Até certo grau, tive a triste conclusão de que neste segmento nem sempre acreditamos que as coisas são para valer e por isto muitas vezes deixamos temas importantes para cima do laço.

Mas é neste momento em que as partes estão mergulhadas em seus aspectos operacionais que devemos procurar reforçar aquilo que está menos visível no TISS. Refiro-me a três aspectos em particular.

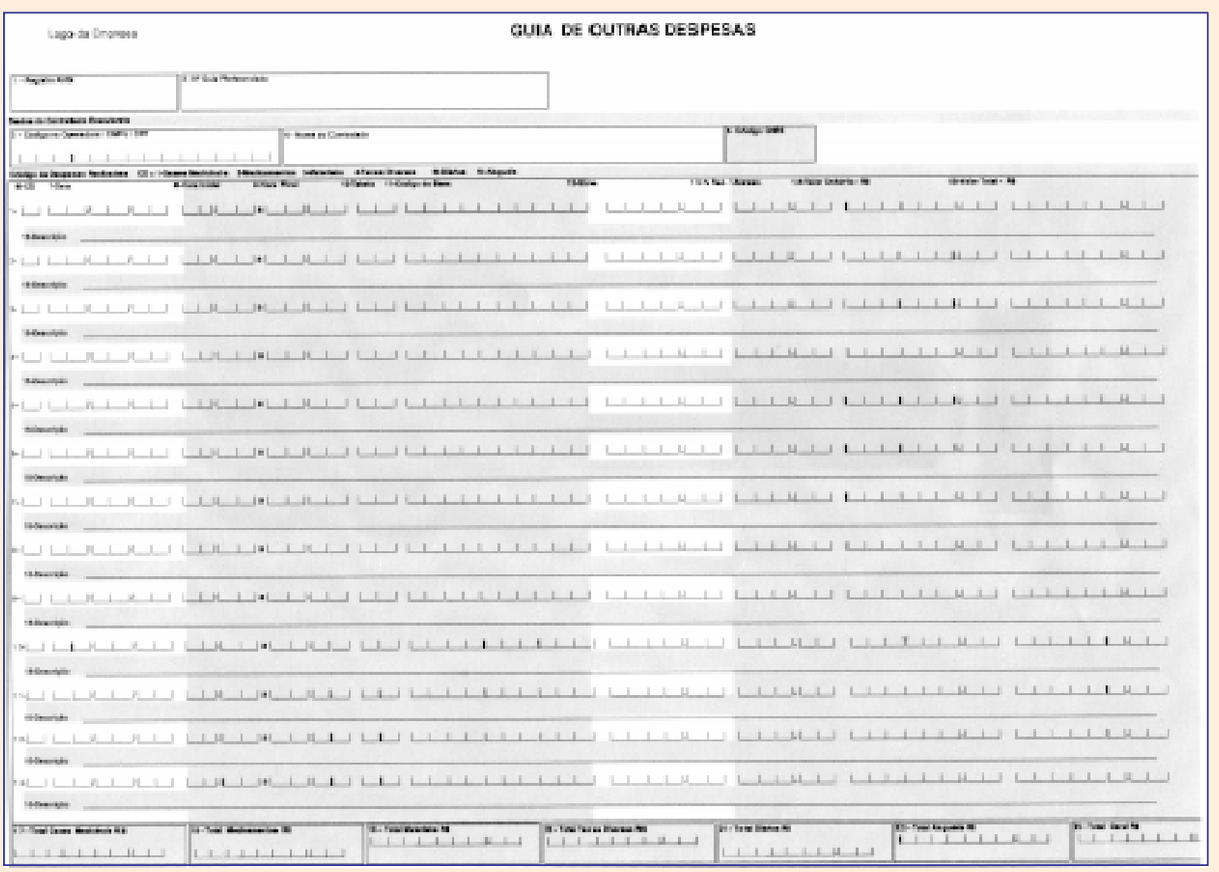
O primeiro me remete a um comentário que escutei durante um desses eventos recentes promovidos pela ABRAMGE-RJ/ES. Em determinado momento, foi colocado que, embora constassem na versão atual com 20 motivos de justificativas de glosas, outros 350 já tinham sido identificados. Quando chegou minha vez de comentar o TISS, citei esta colocação, mas longe de ter como objetivo criticar a criatividade desenvolvida por determinadas operadoras no sentido de dificultar pagamentos.

Minha contribuição para os presentes, na realidade, era a de que deveríamos entender que o que debatíamos representava a padronização daquilo que havíamos tornado complexo e que a nós todos, em momento futuro, caberia *descomplicar* o que havíamos padronizado.

Em segundo lugar, destaquei a importância da padronização em outras rotinas de nosso dia-a-dia, desde a utilização de um cartão de crédito na cidade ou país mais remoto, ao saque de recursos de inúmeros bancos filiados no que conhecemos como Banco 24 horas até o pagamento de boletos bancários, independentemente do fato de seu pagamento estar sendo efetuado por outro banco que aquele que o emitiu.

Por fim, a importância estratégica do TISS que, em momento futuro, permitirá a produção de indicadores e, conseqüentemente de políticas de saúde para um segmento que, neste quesito, trabalha quase na escuridão.

Sr. Adriano Londres é Presidente do Sindicato dos Hospitais, Clínicas e Casas de Saúde do Município do Rio de Janeiro (SINDHRIO)



Maio-5-ROSE.p65 21 27/04/07, 18:46